



VIGARELLO, G. **Les métamorphoses du gras**: histoire de l'obésité. Paris: Éditions Du Seuil, 2010.

Lígia Campos de Cerqueira Lana

Doutoranda do Programa de Pós-graduação em Comunicação da UFMG; bolsista da Capes no Brasil e do CNPq na École des Hautes Études en Sciences Sociales, em Paris (2009-2010); pesquisadora do GRIS (www.fafich.ufmg.br/gris); Mestre em Comunicação e Sociabilidade Contemporânea pela UFMG (2007), Belo Horizonte, MG - Brasil, e-mail: ligialana@gmail.com

A compreensão do corpo esbelto e da obsessão contemporânea pela magreza encontra em tema oposto, a obesidade, um contraponto interessante para a reflexão. O estudo inédito sobre as metamorfoses do corpo gordo, *Les métamorphoses du gras: histoire de l'obésité*, lançado pela Éditions du Seuil, recapitula as maneiras de registrar e de perceber cotidianamente a gordura corporal por meio de um longo período histórico, da Idade Média ao século XX. Seu autor Georges Vigarello, diretor de estudos da École des Hautes Études en Sciences Sociales (Paris), vem desenvolvendo há alguns anos um programa de pesquisa sobre a história do corpo ocidental. Em síntese, pode-se dizer que nesse novo trabalho o pesquisador discute o processo socio-cultural de aumento da vigilância sobre a gordura nas sociedades ocidentais.

A partir de documentos primários muito variados como cartas, retratos, pinturas, narrativas biográficas, mensagens religiosas, fábulas, crônicas, romances e propagandas, o autor recupera as maneiras como o corpo gordo é registrado e debatido ao longo do tempo. Georges Vigarello trabalha com um universo reflexivo relacionado à história sociocultural da alimentação, do corpo e da cosmética. Outro eixo importante para a argumentação do autor é o campo da medicina, fonte de estudos sobre patologias, fármacos, cirurgias e anatomia humana.

A obra é dividida em cinco partes, ordenadas cronologicamente. A primeira compreende o período da Idade Média, época em que a gordura corporal é prestigiada. A escassez de alimentos, ocasionada pela dificuldade de distribuição e estocagem, motiva a criação de mitos de fartura. O glutão medieval é assim celebrado por sua saúde e seu vigor. As sanções são dirigidas apenas aos excessos e ao corpo disforme do “muito gordo”. A compreensão do limite entre o glutão e o excessivamente gordo (ou doente) revela as primeiras tentativas de explicar o que seria a gordura corporal. Já naquela época, há o entendimento de que a gordura protege e dá forma ao corpo humano. A investigação da composição da gordura chama atenção para seu caráter líquido, que umedece o corpo, e também gasoso, que o infla.

Nessa dinâmica, as mensagens religiosas de austeridade e os textos médicos alertam para o cuidado com a alimentação, mas ainda com sanções apenas aos casos de gordura muito excessiva. A partir do século XV, nota-se uma mudança no registro dos contornos corporais. Em um gesto inédito, pinturas e miniaturas

explicitam contrastes entre corpos, por meio do realismo das silhuetas, que podem atestar o poder dos nobres ou ridicularizar personagens. “O universo de imagens dissemina diferenças segundo aspecto e espessura. O volume do corpo parece existir de outra maneira, impor seus ‘defeitos’, sugerir seus excessos” (p. 48). O discurso verbal também se modifica nessa época. Um regime prescrito por Conrad Heingarder em 1430 para Jehan de la Goutte, por exemplo, usa a expressão “gordo” e não mais “muito gordo”, como até então denominam-se os corpos mais preocupantes.

Esses registros do fim da Idade Média acenam para a grande ruptura da Modernidade em relação à compreensão da gordura corporal. A segunda parte do livro é dedicada a esse debate: os “patetas” modernos são personagens que, em função do volume do corpo, se envolvem em situações ridículas, porque são incapazes de realizar atividades simples. A preguiça, a inutilidade e a indolência são alguns dos conjuntos de características estigmatizadas no registro dos corpos, que passa a valorizar traços mais magros. Em 1528, por exemplo, a palavra “leve” aparece como qualidade esperada do cortesão no *Le livre du courtisan*, de Baldassar Castiglione. Por outro lado, personagens literários como Gargantua, de Rabelais, e Sancho Pança, de Miguel de Cervantes, contrapõem-se ironicamente ao afinamento da modernidade, simbolizando a resistência, mas também confirmando a nova perspectiva.

As descrições médicas passam a fazer alertas: “gravidade insuportável” e “gestos dificultados” são sintomas preocupantes; os estudos voltam-se à observação conjunta dos olhos, batimento cardíaco, velocidade do movimento, aspectos do sono, entre outras manifestações. A curiosidade em relação às formas corporais é observada também nas imagens e no discurso verbal. As pinturas do Renascimento confirmam o interesse em precisar corpos “reais” e “naturais” em oposição aos “extravagantes” e “fora da norma”. Georges Vigarello sublinha em personagens, como o monge de Jerome Bosch (em *Le chariot de foin*, 1485-1490), o bruxo de Urs Graf (em *Le sabbat des sorcières*, 1514) e a jovem Hélène Fourment de Rubens (em *Le jardin d’amour*, 1630), elementos que atestam a exploração dos formatos dos corpos.

Na mesma época, segundo o autor, surgem novas palavras para definir melhor as variações das formas corporais. Os regimes e as fórmulas de

redução do peso passam também a ser registrados a partir dos séculos XVI e XVII, com a sugestão de uso de limão e vinagre, adoção de práticas de compressão e de roupas como corseletes para contrair as carnes e diminuir os volumes. As indicações do peso do corpo ainda são muito raras nessa época; a menção ao peso destina-se aos animais à venda, feito de maneira intuitiva e associado à cor do pelo, à idade e à ascendência. Alguns registros de clínica médica trazem o peso dos pacientes, medido por meio do número de livros: “Daniel Sennert, em 1635, detém-se sobre dois exemplos característicos: uma mulher de Strasbourg de 36 anos pesando 480 livros (240 kg) e incapaz de se deslocar, e um homem pesando mais de 400 livros (200 kg)” (p. 107). No entanto, no dia a dia, ainda não há a preocupação com o peso.

A terceira parte do livro abrange o período do Iluminismo, que, em linhas gerais, abandona a concepção irônica do pateta para reforçar a impotência do corpo gordo. Os cientistas começam a buscar aparelhos e instrumentos para medir o peso. Georges Vigarello ilustra as primeiras invenções com exemplos estranhos e curiosos, que buscam precisar as gradações das medidas da gordura corporal. No contexto de busca por características mais precisas dos corpos, opõem-se pela primeira vez a gordura corporal de homens e mulheres e, da mesma maneira, das classes sociais. Estigmatiza-se a ineficiência do corpo gordo: a palavra “obesidade” como uma patologia humana começa a ser usada com mais frequência e a gordura corporal se torna um empecilho à experiência no mundo – questão vista de maneira negativa, já que a época valoriza o empirismo.

Em relação à anatomia humana, a descoberta das fibras musculares participa da compreensão da impotência do corpo gordo. Junto a isso, as receitas de emagrecimento, que antes eram apareciam de maneira tímida, tornam-se mais difundidas. Sabonetes dissolventes de gordura, purgantes e vinagres são utilizados para que o alimento não permaneça no corpo obeso. Surgem também os tônicos, comercializados pela primeira vez em aproximadamente 1760, os banhos emagrecedores (frios ou quentes) e os exercícios físicos. A preocupação com a alimentação dos obesos consolida-se nos regimes e nas dietas, por meio da indicação de alimentos secos, vegetais “estimulantes” e diminuição do consumo de carne. Nesse sentido, durante o século XVIII, desenvolve-se pela primeira vez o debate em torno da ingestão de carne.

Prosseguindo a cronologia, a quarta parte do livro dedica-se à primeira metade do século XIX, período em que a compreensão das medidas corporais consolida-se. Os tratados de medicina passam a registrar com mais rigor as circunferências do corpo. Ainda não há o uso de balanças para o cálculo pessoal do peso. De toda maneira, Vigarello ressalta que a preocupação com as medidas impulsiona o surgimento de um “olhar medidor”. O autor associa esse novo olhar à consolidação da sociedade burguesa e ao fim das castas, que exigem novas maneiras de diferenciar os corpos. Na mesma época, pesquisas no campo da química avançam, e o excesso de peso passa a ser considerado pela primeira vez energia “não queimada” pelo corpo. Como consequência, os tônicos de emagrecimento, em voga no século XVIII, perdem espaço para o estudo dos alimentos. Açúcar, amido, biscoito e pão, antes considerados como inofensivos, são pela primeira vez tratados como inimigos do corpo. A “inteligência do estômago” e os primeiros sinais da criação de uma ciência da alimentação humana surgem também nessa época.

A quinta parte, *Em direção ao “martírio”*, relaciona-se à segunda metade do século XIX e ao início do século XX, época em que os regimes tornam-se ainda mais frequentes e o excesso de vigilância sobre as medidas do corpo banaliza-se na vida cotidiana. Têm início a difusão de balanças e os primeiros paralelos entre peso e altura. A exposição dos corpos começa a fazer parte de situações até então inéditas – as temporadas na praia, a substituição dos espelhos ovais por formatos maiores para a observação do corpo inteiro e a descoberta das “ancas” femininas. Os estudos médicos também avançam no sentido de diferenciar com mais precisão os tipos de obesidade (pequena, média ou grande). Dados como a identificação de obesos na família ou a associação da obesidade a outras doenças (como gota, diabetes ou artrite) distinguem dois tipos de causas da obesidade: a predisposição, no caso da hereditariedade, e a ocasional, no caso do consumo excessivo de alimentos.

Nesse sentido, os regimes, oriundos da descoberta da energia dos alimentos, propulsionam a nova ciência da alimentação, que acompanha uma “revolução da magreza” e a valorização de corpos esguios. Assim, os estudos médicos apontam para a possibilidade de cura da obesidade – e a ideia de um “obeso ocasional” ressalta o problema da desatenção com o corpo. Com isso, surge a preocupação com

os primeiros sinais de gordura. Novas estruturas anatômicas são descobertas: a celulite e a gordura localizada, que precisam ser eliminadas. Nessa mesma época, as balanças passam a ser anunciadas como um produto básico de toalete; surgem ainda novas terapias de emagrecimento, como a “ginástica de quarto” associada ao controle diário da curva de peso. O martírio, indicado por Georges Vigarello no título da seção, refere-se ao tom das narrativas pessoais sobre a obesidade. Inéditas até 1920, as histórias íntimas sobre a vitória contra a gordura ou o testemunho do sofrimento pessoal gerado pela obesidade conduzem o obeso a um lugar de humilhação na sociedade.

Como epílogo do livro, Georges Vigarello apresenta uma reflexão sobre questões contemporâneas a partir de dois eixos: a compreensão da obesidade como problema de saúde pública e as narrativas atuais sobre a percepção do corpo gordo. A criação do índice de massa corporal (IMC), calculado de acordo com o peso e a altura, define parâmetros para o sobrepeso e para a obesidade (moderada, severa e muito severa). Segundo dados trazidos pelo autor, 700 milhões de pessoas se tornarão obesas em 2015. Especialmente nos Estados Unidos, os valores são preocupantes – nos anos 2000, dois terços da população adulta americana possuem sobrepeso ou apresentam obesidade. Apesar disso, o excesso de peso não caracteriza somente as populações privilegiadas. A obesidade atinge também domicílios mais pobres pela desinformação sobre alimentação e a dificuldade de acesso a alimentos nutritivos, compensado pela ingestão de mais calorias por dia. Assim, obesidade é vista como uma epidemia mundial, que deve ser tratada como questão sanitária.

Das cifras sobre a população, segue-se o cálculo do custo de um indivíduo obeso: duas vezes mais alto para o governo do que de um indivíduo dentro dos padrões de peso. A preocupação sanitária gira em torno de números – lucros e prejuízos – que impulsionam uma percepção cultural da gordura cada vez mais exigente; hábitos alimentares são investigados (ingestão de açúcar, bebidas e lanches rápidos), publicidade de alimentos é vigiada, sedentarismo e alimentação industrializada são criticados. Dessa maneira, a preocupação sanitária (econômica e quantitativa) é a base da nova percepção cultural da gordura.

As doenças relacionadas à busca pelo emagrecimento tornam-se mais comuns pelo aumento da

exigência com o corpo esbelto. Basta um quilo a mais para o corpo ser considerado gordo. Nessa dinâmica exigente, radicaliza-se também a narrativa sobre o corpo obeso. Na passagem do século XIX para o século XX, a obesidade era resultado do “abuso”; na contemporaneidade, o obeso transforma-se em uma pessoa incapaz de gerir a própria vida, alguém que não sabe se controlar e se corrigir. As intervenções cirúrgicas para o tratamento da obesidade confirmam a ingerência de si próprio (o obeso como alguém que por si mesmo não é capaz de emagrecer). Sendo o corpo atualmente o lugar privilegiado de construção da identidade, o obeso, incapaz de se gerir, é impedido de habitar a sua própria imagem. Assim, para Georges Vigarello, a narrativa sobre a obesidade reúne fundamentalmente um sentimento de traição à compreensão de si mesmo.

Depois desse epílogo, o autor apresenta uma conclusão de três páginas, que não é capaz de recapitular o fôlego da obra. O autor argumenta que a estigmatização sempre acompanhou a percepção da obesidade. Contudo, cada período histórico aciona diferentes valores: “o modo de denegrir o glutão medieval não é o mesmo usado para o balofo moderno e, menos ainda, para o obeso dos dias atuais, geralmente julgado como ‘incapaz’ de emagrecer” (p. 297). As diferenças entre o corpo gordo de homens e mulheres são rapidamente retomadas. O autor chama atenção ainda para a importância da observação do corpo; a história da obesidade é a história da intimidade que, nos dias atuais, alcança o espaço público sob a forma de um corpo que trai.

Referências

BOSCH, J. **Le chariot de foin**. 1485-1490. 1 quadro. Madrid: Museu do Prado.

GRAF, U. **Le sabbat des sorcières**. 1514. 1 quadro. Viena: Academia Albertina.

RUBENS, P. **Le jardin d’amour**. 1630. 1 quadro. Madrid: Museu do Prado.

Recebido: 22/03/2011

Received: 03/22/2011

Aprovado: 08/06/2011

Approved: 06/08/2011